

CORPO, GÊNERO E TEMPO: O FEMININO EM MULHERES TRANSEXUAIS

Régis MALISZEWSKI¹
Fabieli MARTINI²
Thuany BREDA³
regismaliszewski@gmail.com

RESUMO

O intuito deste artigo é compreender como se dá a construção do Ser mulher pela ótica das mulheres transexuais, bem como os aspectos que permeiam esse tema. Dentre eles estão: entender como feminino é visto pelas mulheres transexuais, o papel que a mulher deve exercer na sociedade e como o feminino é estruturado pela mulher transexual. Visto que não existe um conceito único de ser mulher, no entanto, muitas vezes está atrelado aos padrões normativos impostos pela sociedade. Para isso, foram utilizados os métodos qualitativo e descritivo. Foi aplicada a técnica metodológica *Snowball*, que é uma ferramenta na qual é utilizada uma cadeia de referência. Como instrumento, utilizou-se a entrevista narrativa através de uma pergunta norteadora, realizada com 4 mulheres transexuais maiores de idade. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização categorização e análise dos dados. De maneira geral, foi possível verificar diante da narrativa das mulheres transexuais que o ser mulher é uma construção e um processo de auto-identificação, que ocorre de forma única e subjetiva de acordo com cada experiência.

Palavras-chave: Mulher Transexual, Gênero, Sexualidade, Feminino, Ser Mulher.

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand how the construction of Being a woman occurs from the perspective of transsexual women, as well as the aspects that permeate this theme. Among them are: understanding how feminine is seen by transsexual women, the role that women should play in society and how feminine is structured by transsexual women. Since there is no single concept of being a woman, however, it is often linked to the normative standards imposed by society. For this, qualitative and descriptive methods were used. The Snowball methodological technique was applied, which is a tool in which a reference chain is used. As an instrument, the narrative interview was used through a guiding question, carried out with 4 transsexual women of legal age. These interviews were recorded and transcribed for categorization and data analysis. In general, it was possible to verify before the narrative of transsexual women that being a woman is a construction and a process of self-identification, which occurs in a unique and subjective way according to each experience.

Keywords: Transsexual Woman, Gender, Sexuality, Feminine, Being a Woman.

INTRODUÇÃO

SEXUALIDADE E GÊNERO

Apesar das relações humanas, assim como o sexo e a própria sexualidade, vistas como formas de emancipação em um mundo contemporâneo e capitalista, conforme dito por Bauman (2001); a afirmação de Foucault (1988/1999) que a sexualidade é socialmente reprimida e silenciada, não nos parece tão distante. Cabe-nos então, uma retomada histórica para compreensão do tema remetendo ao século XVII, onde se tratava da sexualidade com franqueza, sem ocultá-la; presente nos discursos, entre crianças e adultos. Momentaneamente fora assumido as normas do regime vitoriano, e então passou a ser silenciada, reprimida; atribuída somente à reprodução, presente apenas no seio da família e reconhecida unicamente no quarto do casal. Ao que resta, omissão dos corpos e a decência nos discursos. Não existem regras sobre o que se pode ou não, entretanto a mesma foi reduzida ao silêncio, negada, sem manifestações. Crianças não possuem sexo, qualquer tipo de manifestação deste é ocultada. A sexualidade é então, completamente reprimida. Sujeitamo-nos a essas normas até hoje (FOUCAULT, 1988/1999).

Compreendendo ainda que se retrocedermos mais alguns séculos, encontraremos no Século II, Galeno; um médico anatomista pérgamo. Ele acreditava que os corpos eram conectados por um sexo em comum, não existiam características anatômicas reprodutivas que os diferenciasssem. As mulheres eram homens invertidos, portanto, menos perfeitas. A vagina era considerada imperfeita pois não se projeta para fora assim como o pênis, permanecendo incompleta (LAQUEUR, 2001). Nos acordos de Galeno, o sexo feminino era considerado uma má formação do sexo masculino, fazendo com que a vagina fosse vista como um pênis defeituoso e incompleto e, por consequência, as mulheres como homens com defeitos (JESUS e ALVES, 2012).

Mas retomando para a segunda metade do século XVIII, percebe-se que as diferenças presentes na estrutura corporal entre os sexos feminino/masculino não eram consideradas, entretanto, tornou-se politicamente indispensável distinguir homem e mulher com base no discurso científico. A ideia de vincular o sexo, genitália e gênero ao comportamento está presente desde o século XIX, no qual o feminino é determinado pela presença de vagina e o masculino pela presença de pênis. O sistema binário, masculino e feminino, reproduz a ideia de que há determinação natural, ou seja, a sexualidade é constituída pela natureza e essa estabelece a posição dos corpos conforme a ordem natural. O corpo é um texto construído

socialmente, um arquivo vivo da história, do processo de (re)produção sexual (BENTO, 2006, 2008).

Atualmente entende-se que existem dois sexos, concepção que surgiu apenas no século XVIII, já que antes prevalecia o monismo sexual, que incutia a ideia de existir um único sexo. A partir do século XX, o conceito de gênero ficou presente no campo da ciência, fundamentado nas observações de John Money, em relação aos papéis socialmente determinados aos homens e mulheres, nos quais o gênero se define como um conjunto de aspectos que especificam as diferenças entre homem e mulher. No entanto, deve-se considerar que apesar de essas expectativas sexuais serem pautadas no sexo biológico, nem sempre a pessoa se identifica com seu sexo anatômico, conforme o que é visto nos casos de pessoas transexuais (JESUS e ALVES, 2012).

O gênero não é uma definição absoluta, nem sequer uma proposta que reflete um desejo individual, do mesmo modo que não é prescrito e nem imposto ao sujeito (BUTLER, 1988). Um ponto salientado por Adichie (2015), ressalta as diferenças hormonais entre homens e mulheres, como exemplificado pela diferença na quantidade de hormônios e sua relação com atributos biológicos que os diferem, visto que a testosterona acaba por se traduzir em maior força física nos homens. O aspecto reprodutivo também é trazido pela autora, que salienta a capacidade gestacional da mulher. Estes pontos são indicados como um traço evolutivo, todavia, nos dias atuais o mundo é completamente diferente, as distinções hormonais não se consagram nas diferenças adaptativas, homens e mulheres podem ser inteligentes, criativos, inovadores (aspectos estes considerados mais importantes para a adaptabilidade ao mundo atual) (ADICHIE, 2015).

Antes mesmo do nascimento, são criadas suposições e expectativas diante do feto e o sexo que o mesmo irá dispor. Quando o aparelho começa a focar na genitália a ansiedade dos pais aumenta, terminando somente quando é dito o sexo da criança. Assim sendo, mesmo antes do corpo vir ao mundo, as palavras pronunciadas pelo(a) médico(a), produzem expectativas, que serão materializadas em brinquedos, modelos de roupas, cores e planejamentos do futuro. Após o nascimento, a criança se depara com um gama complexa de desejos e expectativas, acompanhado de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividade. É esperado que os reproduza diante do seu corpo e da sua genitália. Somos expostos a uma única possibilidade de construção, do sentido identitário de nossas sexualidades e gênero (BENTO, 2008). Adichie (2015) traz uma indagação nesse sentido, questionando em relação a forma de criação das crianças e indagando como seria se, ao invés

de ressaltar e considerar o gênero (de forma a limitar o sujeito), as crianças fossem reforçadas acerca de suas habilidades, interesses e qualidades.

Através das roupas, olhares e gestos que constituem o corpo, o gênero adquire a vida. Na procura de reproduzir a mulher “de verdade”, existe o desejo de que os atos sejam reconhecidos como autênticos ao gênero, no entanto, o resultado nem sempre corresponde ao aceito e determinado socialmente como feminino, visto que as ações não alcançam as expectativas que se estruturam a partir de hipóteses, se abrindo uma possibilidade para abalar as normas de gênero. Seguindo o controle rigoroso da produção de masculinidades e feminilidades, como as únicas possibilidades de viver a sexualidade (BENTO, 2008).

Somos interiorizados por algo que está conosco desde sempre, sendo normal e natural forma de construção: a heterossexualidade, que alimenta os gêneros binários (BENTO, 2008). Entretanto, para Alves (2017), a ideia de extinguir com o sistema binário de gênero, feminino e masculino, para expandir o olhar sobre a sexualidade, traz consigo o risco de instituir outros binarismos, a exemplo do par transgênero e cisgênero.

Para Goffman (1963/2008) são estabelecidos socialmente, maneiras de categorizar os sujeitos, levando-se em conta atributos considerados comuns e naturais aos pertencentes a essas categorias. Nos ambientes sociais, as pessoas são estabelecidas pelos seus atributos, portanto, quando um estranho nos é apresentado, antecipa-se a ideia de qual categoria ele pertence, através de seu aspecto denominado pelo autor como “Identidade social”. As exigências são definidas de modo rígido através da expectativa do modelo de pré-concepções, que se transformam em padrões normativos. Quando um desconhecido está à nossa frente, fazemos exigências e afirmações do que ele deveria ser, e por muitas vezes ignoramos que essas exigências estão sendo feitas e o que elas representam. Essas imposições, que atribuímos aos indivíduos, poderiam ser chamadas, segundo o autor, de identidade social virtual; já as características e atributos que o indivíduo tem, os que prova possuir, podem ser chamados de identidade social real.

A sexualidade possui uma posição significativa na existência humana, é possível dizer que ela a envolve por inteira. O corpo sexuado existe e se relaciona com outros corpos, esses que também são sexuais; desse modo, a sexualidade está permanentemente presente. A sexualidade e o corpo são de fato manifestações da existência (BEAUVOIR, 1949/2019). A sexualidade é parte de nossas ações, ela pertence a liberdade de usufruir do mundo. Nós criamos nossa própria liberdade e ela não pertence a algo proibido do desejo pessoal. Alicerçados em nosso desejo construímos as mais variadas formas de relação, de amor e

criação. O sexo é uma oportunidade de atingir uma existência criativa, e não uma fatalidade. Os sujeitos devem ter o direito de decidir sua sexualidade (FOUCAULT, 1982/2004).

CONSTRUÇÃO DO FEMININO

O feminismo, enquanto movimento, desde suas origens envolve várias manifestações de mulheres em busca de igualdade entre homens e mulheres, assim como na luta por direitos sociais e políticos. O movimento feminista teoricamente é dividido em três ondas, a primeira no final do século XIX, a segunda na metade do século XX e a terceira entre 1990 e 2000 (MONTEIRO e GRUBBA, 2017).

A primeira onda ocorreu no final do século XIX, em que as mulheres reivindicavam direitos sociais e políticos, sendo o principal deles o direito ao voto, onde ficaram conhecidas como sufragistas (PINTO, 2010). A segunda onda ocorreu na metade do século XX, com pautas relacionadas aos padrões socialmente impostos, referentes aos lugares ocupado pelas mulheres no espaço público e privado, culturalmente, afetivamente e politicamente, estas que seriam as razões para as desigualdades vividas entre homens e mulheres naquela época (MARTINS, 2015). A terceira onda tem como objetivo desenvolver o conceito de mulher em sua universalidade, reconhecendo que existem múltiplos tipos de mulheres, considerando a cultura, raça, classe, entre outros elementos que as diferenciam, voltando o olhar para subjetividade e as várias formas de opressão do feminino (CAETANO, 2017).

Segundo Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949/2019, p. 11), nem mesmo o destino biológico, econômico ou psíquico podem definir o formato em que assume na sociedade, a fêmea humana (BEAUVOIR, 1949/2019). Louvado, diabolizado ou mitificado, o corpo feminino teve olhares, possibilidades e significados diversos a cada época. No século XX, o corpo assumiu destaque nas discussões feministas e nas análises de gênero, apontado como uma categoria da teoria social. O feminismo procura provar como o discurso misógino patriarcalista, em relação às mulheres e à feminilidade, tem uma base depreciativa de seus corpos considerados imperfeitos e frágeis em comparação aos dos homens. Neste viés, as mulheres ficariam bem mais conectadas ao corpo do que os homens, restringindo assim, os seus papéis e ações sociais. No passado, as amarras biológicas do discurso normativo em relação a liberdade e a corporalidade, ligou a mulher ao lar, a um corpo frágil, estando no limite entre o normal e o patológico. O corpo se tornou um obstáculo para a liberdade de ação (MARTINS, 2004).

Podemos compreender que a educação, socialmente falando, de homens e mulheres, se diferenciam em termos de metas e expectativas. Os meninos desenvolvem suas idéias, metas e habilidades, enquanto as meninas aprendem a ser amorosas, cuidar de sua vaidade e limitar seus corpos e atividades. Natalie Rogers relata em seu livro “A mulher emergente” que, desde jovem, foi treinada a exercer o papel de mulher: ser amável, cômoda e apoiadora. Assim, ao homem pertence o controle, direção e responsabilidade pela vida; à mulher a função de amá-lo, e contribuir para o êxito desse destino, que pelo homem fora escolhido. O homem detém o conhecimento e as mulheres o desejo de conhecer a verdade (ROGERS, 1986).

As mulheres são criadas para serem queridas e benevolentes; não podem de modo algum expressar raiva ou serem agressivas, no entanto, os homens são perdoados e valorizados pelas mesmas razões. A humanidade, os sentimentos e o medo presente no masculino são omitidos. Ao mesmo tempo, as mulheres são criadas para zelar do ego frágil dos homens. Desse modo, as mulheres acabam por compreender que devem se omitir e não externalizar seus desejos e ambições; de maneira alguma devem comportar-se como seres sexuais, assim como agem os homens; sendo ensinadas a sentir vergonha de si mesmas e da condição feminina. A culpabilização da mulher ocorre desde o seu nascimento (ADICHIE, 2015).

Simone de Beauvoir sustenta que mulheres educadas por outras mulheres, em um mundo feminino no qual o propósito comum é o casamento que as submetem ao homem; sustenta-se em sólidas normas econômicas e sociais, sendo necessário então que esse destino tradicional e naturalizado seja revisto. Mulheres são herdeiras de um passado opressivo e estão em busca de construir um futuro novo (BEAUVOIR, 1949/2019).

TRANSEXUALIDADE

No ano de 1910, o sexólogo Magnus Hirschfeld fez o uso da expressão "transexual psíquico" ao referir-se a travestis fetichistas. O termo foi usado novamente em 1949, por Cauldwell em um estudo feito com um homem transexual onde foram pontuadas características pertencentes apenas a esse público. Em 1950, surgem publicações que apontam a singularidade do “fenômeno transexual”, esses estudos que podem ser considerados o começo da estruturação do “dispositivo da transexualidade”. Em 1973, a transexualidade passou a ser classificada como uma “disforia de gênero”, termo criado por John Money. A *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association*¹- (HBIGDA), criada em 1977,

¹Associação Internacional de Disforia de Gênero Harry Benjamin (HBIGDA).

passou a ser uma das associações encarregadas pela regulamentação do tratamento realizado no mundo todo com pessoas transexuais. Além da HBGDA, o Manual de Diagnóstico de Estatística de Distúrbios Mentais (DSM- 4), e o Código Internacional de Doenças (CID 10ª versão), eram instrumentos oficiais, legitimados na utilização para diagnóstico de transexualismo (termo presente no CID-10). Nestes, os sujeitos transexuais possuíam um conjunto de fatores em comum que os estabeleciam como transtornados, independente de aspectos culturais, econômicos ou sociais. O intuito de elaborar um diagnóstico específico ganha materialidade em 1980 com a inclusão no CID, fato que tornou-se um marco para definição da transexualidade como uma patologia. Em 1994, o termo “transexualismo” foi substituído por “transtorno e identidade de gênero” no DSM-IV (BENTO 2006, 2008).

A transsexualidade é considerada como a discordância existente entre o sexo biológico que é definido ao nascer e o gênero pelo qual o sujeito se identifica e se autodeclara (ALVES, 2017). Até o início do ano de 2018, quando passou a vigorar a nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde - CID 11, a transexualidade fazia parte da classificação oficial de doenças mentais, considerada como “transtorno de identidade de gênero”, conforme noticiado em 6 de junho de 2019 no site das Nações Unidas Brasil (NAÇÕES UNIDAS BRASIL - NUB, 2019). Dessa forma, pessoas trans eram consideradas como doentes por não se identificarem com seu sexo de origem biológica, sendo classificadas sob o código F64.0, representando, dentre os transtornos da identidade sexual, a nomenclatura Transexualismo. Na data de 25 de maio a Organização Mundial da Saúde (OMS), aprovou uma resolução com o intuito de remover a transexualidade da classificação de transtornos mentais e despatologizar o conceito, diante disso, acrescentando uma nova parte ao documento, incluindo a transexualidade no âmbito da saúde sexual, nesta em que é considerada “incongruência de gênero”, que pode ser definida como a angústia vivenciada pelo sujeito resultante do conflito entre seu sexo de origem biológica e sua identidade de gênero (NUB, 2019). A retirada do termo transexualismo após 28 anos, sendo classificada como um transtorno mental implica em décadas de estudos e lutas, com o intuito de garantir que as pessoas tenham autonomia para decidirem sobre sua identidade de gênero (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

A ideia de transição de um sexo encontra referências na mitologia grega em Tirésias, o qual foi punido pelos deuses, tendo que viver parte da sua vida como mulher e que, ao voltar ao masculino, relata que tendo experimentado os dois campos de gozo, expressou que a mulher goza mais que o homem. O prefixo “trans”, encontrado na palavra “transexualismo”, aparenta indicar um atravessamento, que percorre através da sexualidade, podendo estar de

um lado ou de outro; assim como no mito. O transexual não ocupa esse lugar, pois ele “abandona” a aparência de um sexo pelo de outro. A “mudança” de sexo deve ser entendida como uma modificação de “fachada”, uma nova apresentação dos aspectos externos do sujeito (CECCARELLI, 1998; JORGE e TRAVASSOS, 2017).

O termo tem origem na medicina e tradicionalmente é empregado para referir-se a sujeitos que utilizam de intervenções hormonais e inclusive cirúrgicas, na finalidade de se transformar anatomicamente do sexo oposto ao de seu nascimento. A estética corporal de sujeitos transexuais é diversa, vão desde a aproximação mais correspondente das características associadas ao gênero que se identifica, até a um resultado que não corresponda completamente ao padrão físico. Há ainda casos que a alteração da genitália não é realizada. Essas alterações dependem de múltiplos fatores: subjetivos, objetivos, de saúde, sociais e econômicos. Um dos aspectos principais da transexualidade é a rejeição do corpo de origem, logo; as cirurgias e intervenções endocrinológicas são a solução desejada para que haja conformidade entre gênero e corpo. Essas alterações cirúrgicas tem significado importante, sobretudo porque o que delimita simbolicamente o homem e a mulher são os genitais, isso é usado de modo a estabelecer a transexualidade com relação a sexualidade (SALEIRO, 2013). Por não existir concordância entre desejo, corpo, sexualidade e gênero, as pessoas transexuais habitualmente tem sua identidade de gênero rejeitada. Isso se dá pelo fato de que a sociedade está acomodada no pensar de sujeitos dentro do sistema binário, no qual existem apenas o feminino e masculino e cada um possui atributos bem estabelecidos. Pessoas que se identificam com seu gênero e sexo biológico, as cisgêneras, são vistas como normais dentro dos padrões; em contrapartida, pessoas transexuais que não se identificam com o sexo, e o gênero designado no seu nascimento, são consideradas incomuns, doentes, fora do padrão (CAMPOS, 2014).² Essa fuga dos corpos-sexuados é marcada por conflitos, medos e dores. Os sujeitos que vivem nesse combate com as normas de gênero, voltam a si, na busca de explicação para as suas dores, se sentindo uma coisa impossível de existir, uma aberração (BENTO, 2006, 2008).

A transexualidade surge como um reflexo de um sistema que padroniza os sujeitos em categorias de normais ou anormais, que considera a identidade de gênero a partir de estruturas corpóreas e sexo anatômico. Sujeitos transexuais são excluídos de todas as esferas sociais, assim que revela não se identificar com o seu corpo biológico e gênero imposto. As

² Uma característica a ser ressaltada no trabalho da mesma autora, refere-se à utilização da palavra Trans* (com asterisco), como um termo “guarda-chuva”, que engloba a variedade identidades de gênero não cisgêneras (CAMPOS, 2014).

características de seus corpos, apontadas por essas pessoas como não pertencentes a si mesmas, são vistas pela sociedade como expressões que as tornam sujeitos transtornados que não possuem condições de dar significado às suas dores. Caracterizar os transexuais como doentes é aprisioná-los (BENTO, 2008).

Em uma de suas obras, Contardo Calligaris explana sobre a sociedade boçal, na qual, algumas pessoas impõem à outras, regras de conduta que consideram adequadas. O sujeito que impõe ao outro esses princípios é por que ele mesmo não os sustenta e não consegue segui-los. Proíbe-se ao outro o que não consegue proibir a si mesmo. A liberdade do outro é invadida, uma vez que há dificuldade em controlar o próprio desejo. Logo, reprimir e querer impedir a existência de pessoas transgêneras, é uma maneira de controlar as próprias fantasias, pois há temor em desejar gozar da posição do sexo oposto (CALLIGARIS, 2019).

O SER MULHER NA TRANSEXUALIDADE

Durante muito tempo, o desejo de realizar a cirurgia de mudança de sexo foi entendida com a intenção de adaptar o corpo para que dessa forma houvesse uma concordância entre o gênero e a sexualidade. Portanto, a mulher transexual precisaria de uma vagina para ser penetrada, bem como, o homem transexual só poderia garantir sua masculinidade com a formação de um pênis. Com base em padrões sociais normativos, a mulher é vista como passiva, frágil e emotiva, já o homem é visto como competitivo e racional; consequentemente espera-se que as mulheres e homens transexuais hajam com base nesses padrões (BENTO, 2008). Grande parte dos que se afirmam como transexuais, reproduzem de uma forma caricatural os estereótipos da mulher e do homem (CECCARELLI, 1998).

Mulheres transexuais são pessoas que reivindicam serem reconhecidas social e legalmente como mulher. Elas se identificam como pertencentes ao sexo oposto, logo o seu sexo anatômico se encontra em conflito com seu sexo psíquico. Desde muito cedo os corpos femininos começam a ser construídos, à medida que percebem que identificam-se com elementos da figura feminina. São inúmeras mudanças comportamentais e corporais, como a voz, cabelos, pelos, estratégias que disfarçam o pênis, aplicações hormonais, cirurgias plásticas e a cirurgia de mudança de sexo; visto que buscam essa cirurgia quando sentem a necessidade de ajustar a aparência física ao gênero qual se identifica. Buscam nesse processo de mudança o que denominam como feminino (SILVA, BEZERRA e QUEIROZ, 2015).

Alguns transexuais relatam que não necessitam da cirurgia de redesignação sexual; o tratamento com hormônios para não ter mais ereção seria o suficiente. A repulsa ao pênis que

alguns transexuais apontam é na verdade, horror à ereção, pois ali se apresenta a presentificação do desejo no homem. A imagem do órgão ereto e a forma de gozar do macho, traz um ideal insuportável que não é simbolizado. Já um transexual masculino, em sua constituição como mulher, demonstra saber o que é ser mulher mais do que qualquer outra mulher, pois o suposto original é uma construção (MIRANDA, 2015).

A heterossexualidade e a maternidade são aspectos que dão significado ao feminino. A vagina é vista como o órgão que diferencia e qualifica o feminino, e o que dá materialidade ao ser mãe e a heterossexualidade. Diante desse raciocínio, toda mulher possui vagina e por consequência desses critérios, as homossexuais não são consideradas mulheres e as transexuais de modo algum saíam da posição de seres incompletos. Faz-se uma relação demasiadamente simplista entre feminino-vagina e masculino-pênis (BENTO, 2008).

Chimamanda Ngozi Adichie, uma feminista nigeriana, relata que em sua formação deparou-se com as expectativas de gênero, sentia o desejo de ser ouvida, no entanto, sabia que por ser mulher deveria comprovar sua capacidade, quando relata sentir medo de parecer-se muito feminina e não ser levada a sério. No que se refere a aparência, o padrão é masculino, muitas pessoas julgam que quanto menos feminina a mulher se parecer, existe mais possibilidade de ser ouvida com seriedade (ADICHIE, 2015). Existe então um confronto das normas padrões, visto que são reforçadas as ideias e representações plásticas do que é ser feminino. Assim, materialidade do corpo é um conjunto de significados e construções de vários fatores, visto de vários âmbitos que resultam em maneiras de ser e existir no mundo (CORDEIRO e ROHLING, 2019).

Frente aos vários modelos de ser mulher existentes, nota-se a naturalização entre as transexuais da idealização “hiper-real” de ser mulher. A estruturação da aparência é vista como uma maneira de renascer, nos quais alguns conceitos de gênero são desconstruídos e outros são estruturados. No que se refere à mulher transexual, a necessidade de ser reconhecida como mulher a faz reproduzir em suas relações sociais, tanto os papéis femininos consolidados pelo feminismo atual, quanto os papéis que esse mesmo movimento desconstruiu ao longo do tempo, que sujeitavam a mulher ao desejo do outro, principalmente ao desejo do homem (JESUS e FILHO, 2012).

Diante dos pontos acima apresentados, buscou-se explicar teorias que embasam aspectos em relação a transexualidade, gênero, sexualidade, feminino e o próprio Ser mulher. Assim sendo, apresenta-se agora os dados encontrados na pesquisa realizada, precedidos do método que a mesma se estruturou.

MÉTODO

Para alcançar o principal objetivo dessa pesquisa, que é compreender a construção do Ser Mulher pela ótica de mulheres transexuais, fora utilizado o método qualitativo (KUART, MANHÃES e MEDEIROS, 2010) e descritivo (GIL, 2002).

As participantes dessa pesquisa foram 4 mulheres que se autodefinem como mulheres transexuais, maiores de idade, que permitiram a gravação de seu relato de experiência. Como ponto de partida, tomou-se duas pessoas (aqui denominadas de sementes); essas auxiliaram os pesquisadores na indicação de pessoas que se enquadrassem no grupo a ser pesquisado. Para a seleção dos demais participantes, utilizou-se a técnica metodológica de *Snowball*³, na qual é utilizada uma cadeia de referência (VINUTO, 2014). Sendo assim, ao final de cada entrevista, solicitou-se que a participante indicasse uma pessoa para fazer parte da pesquisa.

As participantes foram contatadas via aplicativo de mensagens instantâneas, no qual convidava-se as mesmas, após breve introdução dos objetivos da pesquisa. Com o assentimento, fora passado link para chamada de vídeo. Em todos os casos solicitou-se a assinatura do Termo Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistas ocorreram via chamada de vídeo com datas e horários escolhidos pelas participantes. Todas entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. A coleta de dados foi realizada por meio da entrevista narrativa (MUYLAERT, 2014) como ponto de partida a pergunta norteadora: “O que é para você Ser mulher?” a partir disso as participantes ficaram livres para responder de acordo com sua experiência, sem limite de tempo pré estabelecido. As entrevistas tiveram a duração média de 09 minutos e 50 segundos de material de análise, sem contar o tempo de contato anterior, *rapport* e fechamento, com os quais totalizou uma média de 25 minutos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de verificar os dados obtidos, foi utilizado a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977/2016). Para isso, as entrevistas foram transcritas e categorizadas sob dois aspectos, um *à priori*, baseadas nos objetivos do projeto e outra *à posteriori*, com elementos que foram introduzidos pelas participantes no transcorrer mais amplo da temática abordada. Desse modo, chegou-se às seguintes categorias de análise: construção do feminino; atos performáticos; gênero; papel da mulher na sociedade; impactos machistas; discursos feministas e o Ser da mulher transexual. Durante a apresentação e discussão dos dados, serão apresentadas as

³ Traduzido do inglês: Bola de neve.

participantes como Febe, Linn, Tálassa e Afrodite, sendo estes fictícios para preservar a identidade das mesmas.

Em relação à categoria da construção do feminino, foi possível observar nos discursos que Ser mulher está frequentemente associada a uma construção propriamente dita, no qual esse lugar é reclamado para si e, a partir disso, o feminino é estruturado. Essa construção também é relacionada a autoidentificação e autodescoberta. Ou seja, não existe um lugar exato, uma posição específica ou comportamentos padronizados, o Ser mulher é uma construção e cada sujeito a estrutura de acordo com suas experiências. Também essa construção se dá independente do órgão genital, indo muito mais além do que possuir uma vulva, no qual o sentimento de pertencimento ocorre mesmo que não haja o aparato biológico pertencentes ao sexo feminino. As falas das participantes corroboram com Alves (2017), o qual afirma que não existe uma conceitualização estática, imutável ou autêntica sobre o feminino e o masculino, do mesmo modo que não existe uma definição do ser mulher (ALVES, 2017). Essa estruturação além de ser uma construção pessoal, também pode se dar por procedimentos estéticos, de hormonização e transição. Por meio desses é possível adequar-se ao que é considerado por elas feminino, como é possível observar nos trechos que seguem:

Linn: *“Simplesmente sou uma mulher trans, tomei os meus hormônios, entendeu?[...] tenho peito, prótese de silicone, pra se sentir feminina, para a aparência feminina”(SIC).*

Afrodite: *“Eu vi que não.. eu não me encaixava também nisso né, nessa nessa caixinha, então... foi quando eu comecei a fazer a toda a questão da transição e... eu me senti, eu senti um alívio muito grande a partir do momento que eu me via né, no... no gênero feminino, eu me via como mulher, eu tomava os meus hormônios”(SIC).*

Essa busca por “estilística apropriada” afirma o que é explanado por Serrano e colaboradores (2019), a qual é originada pela necessidade de ser aceita e reconhecida como mulher. Essa vontade de fabricar um corpo feminino tem como objetivo alcançar a posição de ser mulher com a maior quantidade de características possíveis, classificadas por elas como pertencentes ao gênero. Existe o desejo de possuir um modelo de corpo, que para elas representa o ser mulher. A reprodução do feminino se dá a partir da relação das mulheres transexuais com seus corpos.

No entanto, duas das participantes trazem o oposto disso, pois diferente do explanado pelo autor supracitado, para elas Ser mulher não é reproduzir padrões estéticos que são designados ao feminino. Como podemos notar em seus discursos:

Febe: *“Eu não acho que ser mulher é emular cisgeneridade feminina, né, isso também é uma ficção de gênero, e isso também se pressupõe que a partir desse enunciado performativo origina-se essa mulher, né, não tá descrevendo, tá criando a partir dessas características”(SIC).*

Tálassa: *“Pra mim ser mulher é uma coisa tão ampla né, porque eu acho que na sociedade atual mulher é muito ligada a feminilidade, você ser feminina. E pra mim ser mulher, é você se auto-identificar com isso e você estar confortável perante a isso”*(SIC).

Aqui, percebe-se que para ambas esse processo de construir o Ser mulher é algo subjetivo, que parte de uma identificação pessoal. Não significa enquadrar-se nas expectativas socialmente designadas aos gêneros, apesar de essas estarem presentes. Em suma, essa construção é pessoal, íntima, independente de normas socialmente impostas ao feminino.

Seguindo com a categoria dos atos performáticos, essa forma de se apresentar e caracterizar-se também é considerada uma construção, que, em sua grande maioria não reproduzem os padrões estabelecidos socialmente. Assim como citado pelas participantes, essa forma de existir pode ser inventiva. A imagem e a narrativa corporal são criadas independente da lógica cisgênera binária na qual meninas usam rosa e meninos usam azul, como padrões de vestimentas e comportamentos que são designados aos sexos. É criar, reinventar-se, transformar-se, não havendo a necessidade de reproduzir uma feminilidade exacerbada para sentir-se mulher. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Febe: *“Então eu me sinto no direito sobre mim mesma de inventar a mulher que eu sou”*(SIC).

A fala da participante confirma o que traz Butler (1988), quando a mesma afirma que o corpo não é codificado culturalmente de forma harmônica, como se fosse um reservatório sem vida, de uma soma de relações culturais do passado. Da mesma maneira que um roteiro pode ser interpretado de diversas formas, um corpo generificado exerce seu papel e interpreta suas ações dentro de limites já existentes cultural e socialmente. Não é uma identidade estável, pois vem sendo construído ao longo do tempo, instaurando-se através de repetições estilizadas de atos. Os atos propostos a partir do corpo, tais como os gestos corporais, movimentos, representações de todos os tipos, trazem a ilusão de um “eu” genérico e invariável.

Quanto à categoria gênero, diante das narrativas pode-se identificar que os padrões binários estão presentes no percurso histórico da vida das participantes, e, podemos perceber o quanto isso traz sofrimento psíquico, pois esse mundo generificado barrou a possibilidade de existência daquilo que não corresponde à lógica cisgênera binária. Nesse sentido, de acordo com Adichie (2015), os seres humanos sofrem com as expectativas de gênero socialmente impostas desde o nascimento. Sofrimento esse que é possível observar no trecho:

Afrodite: *“Desde os 4 anos de idade que é as minhas primeiras memórias né, que desde sempre tá, de querer ser do gênero oposto né, do gênero que... que... que... que eu, que não foi atribuído a mim né, então... Eu lembro de quando eu tinha 4 ou 5 anos de rezar à noite pra que Deus, porque eu sou de uma família cristã né então todo um background cristão, pra que Deus me transformasse em mulher, esse era o meu entendimento quanto criança”* (SIC).

No entanto, pode-se entender diante da narrativa das experiências da participante que, com o passar do tempo, essa forma de se entender e de se apresentar foi mudando e se reestruturando, que tentar se moldar de acordo com as formas socialmente aceitas não corresponde às únicas possibilidades de ser, porque o gênero é uma invenção, assim como o homem e a mulher cisgênero o são. Partindo desse pressuposto é possível ser quem quiser, criar-se, inventar-se, reinventar-se, brincar com a existência.

As falas das participantes reforçam o que é exposto por Bento (2006, 2008), quando a autora afirma que a transexualidade e outras experiências que transitam entre os gêneros, legitimam que não somos predestinados a acatar os desejos de nossas estruturas corpóreas. Existem corpos que driblam e desobedecem as normas, revelando a capacidade de transformação. Como pode ser visto na narrativa abaixo:

Linn: *“Ser uma mulher transexual é você ser uma mulher transformada” (SIC).*

Essas possibilidades de existir e reinventar-se, muitas vezes são limitadas pelas noções de gênero, visto que, a grande dificuldade da questão de gênero é que existe uma ordem a ser seguida, sobre como devemos nos comportar, ao invés de podermos nos identificar como realmente somos, talvez fossemos mais felizes se pudéssemos fazê-lo, sem carregar o peso das expectativas de gênero (ADICHIE, 2015).

O papel da mulher na sociedade é uma das categorias que remete ao que se espera da mulher socialmente. Desde sempre houveram expectativas sobre as mulheres e a feminilidade normativa que deveriam performar, do que é certo ou errado, do que é válido ou não para determinado gênero. Nas narrativas das participantes foi possível observar que Ser mulher na sociedade atual é sinônimo de luta, resistência e desconstrução de padrões normativos que foram estruturados com base na sociedade machista patriarcal. Assim como citado em grande parte das narrativas, Ser mulher é uma construção, é ser a mulher que deseja ser, é identificar-se, é lutar por esse lugar, por autonomia e contra a opressão.

Febe: *“[...] a gente começa a entender que esse lugar da mulher nunca foi no singular, né, sempre foi um lugar de mulheridades e as mulheres também estão fazendo esse mov... mulheres cisgêneras, brancas, heterossexuais também estão fazendo esse movimento de descolar delas essa feminilidade normativa que é estampada, ela é estampada! [...] Então é isso assim né, eu não tô mais interessada em operar a partir das regras mas sim de inventar regras pra mim” (SIC).*

As narrativas constatarem o que é explanado por Silva (2015), em relação aos paradigmas que socialmente pautam diferenças entre homens e mulheres, com base em aspectos biológicos foram reformulados sendo baseados na economia, sociedade e cultura. Ainda não existe clareza sobre o que é inerente ao gênero e do que é social e culturalmente construído. Constantemente, diante dessas idealizações de gênero socialmente difundidas, os

sujeitos se veem limitados na construção de sua identidade (SILVA, 2015). Contribuindo com essa mesma ideia, Natalie Rogers (1986), nos diz que os padrões existentes possuem funções limitadas. Os seres humanos são privados e limitados de experiências positivas pela determinação estrita de ser sexual. É importante que as mulheres saibam que existem opções, existem escolhas. A mulher deve ser responsável por seus próprios valores, sua própria sexualidade e seu próprio corpo (ROGERS, 1986).

Com relação a categoria dos impactos machistas, é possível notar nos discursos das mulheres trans que é uma prática que sofrem constantemente. As falas são marcadas por um viés de luta e batalha, pois descrevem que precisam constantemente serem resistentes frente a esse mundo machista no qual vivem. O machismo descrito pelas participantes não tem uma prática exercida apenas por homens, tendo assim várias vertentes, como realizadas por mulheres, pelas pessoas LGBTQs é até mesmo pelas mulheres trans. A medida em que Ser mulher é viver em um sistema extremamente machista, diante das dificuldades enfrentadas, encontra-se também um acolhimento entre as mulheres, pois existe um sofrimento em comum frente a ele: a opressão exercida pelo sistema patriarcal, machista e misógino. É um fenômeno que acontece com as mulheres, como podemos notar na fala de uma das participantes:

Linn: *“Eu acho que nós mulheres trans e mulheres cis, a gente sofre o machismo. A partir do momento que você botar uma saia, botar um sutiã, você vai sofrer machismo, “Ah, você quer ser mulher? Então você vai lavar a louça! Ah você quer ser mulher? Então você vai lavar roupa”(SIC).*

Esses aspectos presentes, trazidos pelas participantes corrobora com o que buscam as teorias feministas, por meio da desconstrução de performances estruturadas pelo discurso misógino patriarcalista, que tentavam explicar características culturais e comportamentais das mulheres. Provando que, ao invés de existir uma única natureza feminina, ‘a mulher’ foi presa em seu próprio corpo para ser oprimida e controlada (MARTINS, 2004). Cordeiro e Rohling (2019), contribuem nesse sentido salientando que mulheres transexuais, frequentemente podem vir a reproduzir e serem retratadas através de padrões que oprimem, sensibilizam e consideram a mulher como objeto, portanto, os comportamentos geralmente designados ao feminino, são quase sempre, resultado de construções machistas e patriarcais. No entanto, destoante do que esses últimos autores trazem, podemos perceber diante das narrativas das participantes, que apesar de estarem inseridas nessa sociedade que oprime, fragiliza e sensibiliza as mulheres, elas têm consciência de todo esse sistema e como este funciona, portanto manifestam que não reproduzem o que a sociedade elege enquanto papel do gênero feminino.

No que se refere a categoria dos discursos feministas, pode-se constatar que para as participantes sempre estiveram muito presentes esses estereótipos que a sociedade elege enquanto possível, em relação ao que se espera que seja uma mulher, considerando aspectos físicos, genitais e comportamentais. Nesta lógica, Goffman (1963/2008), evidencia que a sociedade estabelece formas e maneiras de categorizar as pessoas, como também a quantidade de atributos considerados comuns e naturais para os participantes dessas categorias. Entretanto, apesar de esses padrões estarem presentes, foi possível perceber que, para as participantes, não importa o que a sociedade espera que seja uma mulher, e que Ser mulher é usar a não concordância. As mulheres, não no singular, mas às “mulheridades”(SIC), em sua pluralidade, estão fazendo esse movimento de descolar delas essa feminilidade que é esperada que reproduzam.

Na experiência narrada pelas participantes da pesquisa foi possível observar que as mulheres devem lutar por lugar, espaço, voz e autonomia, e que as posições não devem ser pautadas nas diferenças de sexos. A partir da narrativa das participantes, Ser mulher é ser resistência, resistir ao machismo, ao patriarcado e à opressão. Diante desses aspectos, pode-se entender que, os padrões designados aos sexos baseados na sociedade patriarcal machista que considera a mulher frágil e submissa, não são reproduzidos pelas mulheres transexuais participantes conforme seus próprios discursos, e o sentir-se mulher delas não está relacionado a essa condição. Podemos identificar esses aspectos citados na seguinte narrativa:

Linn: *“Não adianta nada você é... falar que tá... que se identifica daquela forma e não entrar nas lutas que rodeiam essa volta (...) além de luta, resistência e... também... resistir a esse país tão machista que a gente vive acho que é o mundo atual em si (...) Então ser mulher você... batalha todos os dias contra o machismo” (SIC).*

Sendo assim, podemos entender que a luta das mulheres na sociedade atual se refere a desnaturalização desses padrões, assim como traz a autora Conceição (2009), sobre o feminismo, que ao longo do tempo vem mostrando aspectos positivos, de reconstrução de um mundo menos opressor e violento. Isso feito por meio de um olhar crítico conforme se desconfia de concepções que são considerados naturais. Se a ligação do corpo a mulher é algo natural, desconfiemos dela. E ao fazê-lo desestabiliza-se uma estrutura opressora, que naturaliza essa função para atender aos seus interesses. Portanto, o feminismo surge com um pensar que produz mudança. Um movimento que reinventa o mundo de forma criativa e diferente, que critica o conceito de gênero e o sistema binário. É uma postura de autocrítica frente ao pensamento e ação. O feminismo é inclusivo, segundo a mesma autora, onde não há um conflito em busca do domínio feminino, mas sim uma luta pelo fim das identidades rígidas, por um mundo no qual Ser mulher ou homem não faça diferença. O propósito não é

igualar mulheres e homens, mas sim, lutar constantemente contra discursos que fazem as pessoas acreditarem que existem vantagens de ser homem ou mulher (CONCEIÇÃO, 2009).

Finalizando com a categoria o Ser da mulher transexual, notou-se que as participantes relatam que ocupam um lugar muito subjetivo, sendo narradas de diferentes formas. Algumas participantes relatam que possuem posições privilegiadas comparadas a outras mulheres transexuais, pois a grande maioria são marginalizadas, sendo os seus corpos privados de afeto. Por vezes não tem os acessos básicos como a própria casa, ocupando a maior margem social, sendo consideradas como não sujeitas. Uma das participantes traz que a mulher transexual muitas vezes é privada do mercado de trabalho formal, carregando um estigma profundo, onde relata que comumente a mulher trans têm sua imagem associada a prostituição. Segundo Pardini e Oliveira (2017), este público possui poucas oportunidades de usufruir de direitos que lhes deveriam ser garantidos enquanto cidadãos, uma das consequência disso é um número ínfimo de pessoas transexuais inseridas no mercado de trabalho formal, diante disso muitas dessas pessoas precisam recorrer a prostituição como meio de sobrevivência (PARDINI e OLIVEIRA, 2017). De acordo com uma cartilha informativa da Associação Nacional de Travesti e Transexuais (ANTRA), 90% da população transexual recorre a prostituição como fonte de renda (ANTRA, 2020).

As participantes também citam que a mulher transexual carrega o peso das expectativas sociais, na qual é esperado que reproduzam uma feminilidade exacerbada. Essas narrativas afirmam o que traz Berenice Bento: “Se a mulher é passiva, emotiva, frágil, dependente e se o homem é ativo racional competitivo, logo se esperará que as mulheres e os homens transexuais implementem esse padrão” (BENTO, 2008, p. 21).

Tálissa: *“Porque as pessoas sempre esperam que, por exemplo, quando você fala que você é trans as pessoas esperam uma...uma feminilidade exar... tipo máxima assim” (SIC).*

Encontrou-se, porém, um contraponto entre a perspectiva de duas participantes. A participante Linn traz que ela não quer tomar o lugar de direito e de fala de uma mulher cis, ou invadir o espaço daquela que gera, mas sim a partir de sua própria construção ser feminina e se indentificar com isso. De outro ponto de vista, a participante Afrodite expõe que o objetivo é ser vista, reconhecida e respeitada como mulher, e que isso parte de um conjunto de fatores, situações e pertencimento. Diante dessas duas visões, podemos reafirmar, como já citado anteriormente, que essa experiência é uma construção, e cada mulher a estrutura de uma maneira diferente, de acordo com sua história, subjetividade, vivências e percepções.

Um dos aspectos que aparecem constantemente no decorrer das narrativas é a construção das formas e ser e existir, nesse sentido, a autora Vieira (2005), aponta sobre a

construção da identidade, seja de homens ou de mulheres, esta que não pode ser vista com os limites impostos pelas definições de gênero que fora construído historicamente, pelo contrário, pois a identidade é aberta, composta de incompletude e complexidades. Por conseguinte resultam de experiências pessoais, tendo traços culturais, pessoais e contextuais que se misturam com a história do próprio sujeito. Tornando a identidade social da mulher como não tendo apenas um único viés, e sim resultando em inúmeras diferenças. Portanto os sujeitos são resultados de inúmeras experiências que experimentam em vários momentos e eventos de processos perene de mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados podemos afirmar que fora possível, através da análise dos materiais coletados, compreender que o Ser mulher visto pela ótica da mulher transexual se dá através de uma construção. Cada uma das participantes o estruturou de uma maneira, além disso, o conteúdo presente nas falas das participantes referente a outras mulheres, essa estruturação do feminino também ocorre de modo subjetivo. Desse modo, cada experiência ocorre de uma maneira, conforme existe uma identificação com aspectos que permeiam esse lugar de Ser mulher.

No entanto, a hipótese levantada inicialmente que a mulher transexual, para entender-se enquanto mulher, seria levada a performar os padrões patriarcais e machistas presentes em nossa sociedade o qual coloca a mulher como frágil e submissa foi refutada. Ainda assim, a contestação dessa hipótese é vista como positiva, porque diante desse resultado pode-se entender que essas mulheres não sentem a necessidade de enquadrar-se em padrões normativos machistas para entender-se mulher. Cabe atentar-se que, tais dados devem ser considerados diante do nível de escolaridade das participantes, as quais estavam inseridas majoritariamente em meios acadêmicos e, conseqüentemente, podem ter desenvolvido o senso crítico mais refinado. Assim, cabe como sugestão a replicação desta pesquisa em outros estratos sociais para verificação da manutenção ou não destas perspectivas.

Os padrões construídos socialmente do que é ser uma mulher se baseiam em simular o que é definido socialmente como feminino, partindo de uma ideia cisgênera. Contudo, podemos perceber que esta construção se dá para além desse conceito, ou seja, o homem e a mulher cisgêneros também são construções tanto quanto as pessoas transexuais, tornando o gênero uma ficção, formados por atos performáticos. Se pensarmos na história em diferentes épocas, a mulher e o homem eram vistos e cobrados para serem de uma determinada forma, se

comparados esses atos aos de hoje já não se sustentam mais. Tornando o gênero uma atualização, um gerador de padrões, ao mesmo tempo que se constrói em cima deste, que dita o que cabe ou não dentro dos conceitos que foram determinados diante dos corpos. Assim o gênero pode ser definido e afirmando como uma construção. Entendemos que a existências dos gêneros são válidas, entretanto deve-se considerar que tanto o cisgênero quanto o transgênero são compostos por atos performáticos nos quais são construídos.

Como contratempos encontrados, podemos considerar desde às adversidades que surgiram ante a pandemia de COVID-19, a qual fez-nos tomar estratégias diferentes de coletas de dados como originalmente pensadas, como também a ausência de respostas de algumas pessoas indicadas para a participação, o que levou-nos a retroceder na linha de indicações da técnica de *Snowball* para retomar com novas indicações. Alguns dados surpreendentes encontrados durante esse procedimento de coleta referem-se aos fatos de que uma das pessoas consideradas sementes (que foram escolhidas por suas inserções e influências no meio) não se manifestou ao convite até o final da pesquisa, enquanto a outra, no retrocesso à fonte original para nova indicação, manifestou resistência em indicar participantes para a pesquisa, com o argumento que compreendia-se a exaustão das mesmas em participarem de pesquisas. Tal atitude dificultou a continuidade da pesquisa. Assim sendo, tal metodologia pode ser repensada ao longo de novas pesquisas de modo que a escolha das participantes seja menos dependente de terceiros.

Durante o desenvolvimento o deste artigo várias dúvidas e questões surgiram. Uma possível lacuna seja que talvez tenhamos considerado que a construção do ser mulher pela mulher transexual seja diferente de qualquer outra construção do feminino. No entanto como pode-se perceber essa é uma construção subjetiva e não existem formas corretas ou definições de como fazê-lo. Deixamos aqui sugestões para estudos futuros que incluam as “mulheridades” (SIC), e todas as formas de ser mulher.

Consideramos pontuar aqui o quanto esse trabalho nos proporcionou reflexões acerca do tema, das vivências e experiências das mulheres transexuais, dos padrões normativos existentes, da sexualidade, padrões binários, das formas de ver a mulher e o feminino. Foi uma experiência enriquecedora que proporcionou um conhecimento teórico e prático mais aprofundado sobre o tema. E, principalmente o entendimento de que mulheres podem proporcionar um espaço e dar voz para que outras mulheres falem de suas experiências e do seu Ser mulher.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVES, C. E. R. **Mulheres cisgênero e mulheres transgênero: existe um modelo legítimo de mulher?** 2017. Disponível em <http://www.en.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518011872_ARQUIVO_Mulherescisgeneroemulherestransgenero-ClaudioEduardoResendeAlves.pdf> Acesso em: 09 mar. 2020.

ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil. **Dicas para travestis e mulheres trans profissionais do sexo em tempos de COVID-19**. 2020. Disponível em <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/04/dica-profissionais-do-sexo-covid19-antra.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: edições 70, 1077/2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo: a experiência vivida/fatos e mitos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949/2019.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2006. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. **O que é transexualidade**. 2008. São Paulo: Brasiliense.

BRASIL. Nações Unidas. **OMS retira a transexualidade da lista de doenças mentais**. 2019. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/83343-oms-retira-transexualidade-da-lista-de-doencas-mentais>> Acesso em: 09 mar. 2020.

BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. 1988. Disponível em <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf> Acesso em: 21 fev. 2020.

C.F.P. **Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS**. 2019. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>> Acesso em: 01. nov. 2020.

CAETANO, I. F. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. 2017. Disponível em <https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf> Acesso em: 09 mai. 2020.

CALLIGARIS, C. **Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos**. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

CAMPOS, D. M. D. A. R. **Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher**. 2014. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2032/802>> Acesso em: 12 abr. 2020.

CECCARELLI, P. R. **Transexualismo e identidade sexuada**. 1998. Disponível em <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/transsexualismo.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2020.

CONCEIÇÃO, A. C. L. **Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero**. 2009. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf> Acesso em: 28 out. 2020.

CORDEIRO, A. L.; ROHLING, N. **Identidade, gênero e transgeneridade: a construção do ser-mulher no videodocumentário “laerte-se”**. 2019. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66077/39463>> Acesso em: 26 abr. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988/1999.

_____. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. 1982/2004. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/4995/3537>> Acesso em: 13 abr. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4.ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963/2008.

JESUS, J. G. D.; ALVES, H. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/2150/pdf>> Acesso em: 12 mar. 2020.

JESUS, J. G. D.; FILHO, A. M. **A mulher hiper-real e outras mulheres no imaginário e no corpo feminino trans**. 2012. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/104168324/A-mulher-hiper-real-e-outras-mulheres-no-imaginario-e-no-corpo-feminino-trans>> Acesso em: 26 abr. 2020.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. **A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?** 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000200307> Acesso em: 12 abr. 2020.

KUART, F. D. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume dumará. 2001.

MARTINS, A. P. A. **O sujeito "nas ondas" do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade**. 2015. Disponível em <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>> Acesso em: 09 mai. 2020.

MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. 2004. Disponível em <<https://static.scielo.org/scielobooks/jnzhd/pdf/martins-9788575414514.pdf>> Acesso: 05 abr. 2020.

MIRANDA, E. D. R. **Transexualidade e sexualização: o que pode a psicanálise**. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912015000100006> Acesso: 26 abr. 2020.

MONTEIRO, K. F; GRUBBA, L. S. **luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas**. 2017. Disponível em <<https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563/441>> Acesso em: 09 mai. 2020.

MUYLAERT, J. C; JR, S. C; GALLO, R. P; NETO, R. L. M; REIS, A. O. A. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf> Acesso em: 23 mai. 2020.

PARDINI, B. A; OLIVEIRA, V. H. D. **Vivenciando a transexualidade: o impacto da violência psicológica na vida das pessoas transexuais**. 2017. Disponível em <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/486/2017_BAP.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 02 nov. 2020.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder**. 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>> Acesso em: 09 mai. 2020.

ROGERS, N. **A mulher emergente: uma experiência de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SALEIRO, S. P. **Trans Gêneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de gênero**. 2013. Disponível em <<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7848/1/tese%20Trans%20SandraSaleiro.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2020.

SERRANO, et.al. **Mulheres trans e atividade física: fabricando o corpo feminino**. 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100280> Acesso em: 13 abr. 2020.

SILVA, A. D. **Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero**. 2015. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/vjtsj/pdf/silva-9788579837036-04.pdf>> Acesso em: 28 out. 2020.

SILVA, R. G. L. B. D. S; BEZERRA, W. C; QUEIROZ, S. B. **Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais**. 2015. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/download/88052/109664/>> Acesso em: 12 abr. 2020.

VIEIRA, J. A. **A identidade da mulher na modernidade**. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012> Acesso em: 20 abr. 2020.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. 2014. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/cd8e/3ecb215bf9ea6468624149a343f8a1fa8456.pdf?_ga=2.225501210.1641434267.1589478703-847097585.1587767016> Acesso em: 14 abr. 2020.